

TRADUÇÃO DE СТАРЫЙ ГЕНИЙ
*DE NIKOLAI LESKOV*²

O VELHO GÊNIO

Daniil Kuksenkov
daniel678@mail.ru
(Aluno de Licenciatura em Assessoria e Tradução)
Maria Helena Guimarães Ustimenko
hcosta@iscap.ipp.pt
(Docente de várias U.C. de Língua Russa)
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto
ISCAP
Portugal

*O génio não tem idade: ele
ultrapassa tudo o que faz parar
as mentes comuns.*

Duque de La Rochefoucauld

Capítulo 1

Há alguns anos atrás, chegou a São Petersburgo uma pequena velhinha, senhora de terras, que tinha, a crer nas suas palavras, “um caso clamoroso”. O caso consistia no facto de ela, pela sua boa vontade, coração e simplicidade, e por

¹ In Leskov N.S. (1989), *Obras Completas*, Moscovo: Pravda, Vol. 7, pp. 161-169.

² Nikolai Leskov (1831-1895) é, indubitavelmente, um dos escritores mais originais do séc. XIX. As suas obras distinguem-se pelo recurso a uma linguagem profundamente ancorada numa Rússia ancestral e pelas suas personagens, que, na opinião de Máximo Gorki, nos permitem sentir de mais perto a Rus', podendo este autor, escreve Gorki, ser colocado ao lado de nomes como Tolstói, Gogol, Turguenev ou Gontcharov. No ensaio “The Storyteller”, dedicado, em grande parte, ao autor, Walter Benjamin refere que, para Leskov, escrever não era uma arte liberal, mas sim um trabalho artesanal. o que muito diz sobre as raízes da sua escrita.

mera compaixão, ter ajudado um dândi da alta sociedade a sair de uma situação muito difícil, tendo hipotecado a seu favor a sua pequena casa, que constituía não só toda a sua propriedade imobiliária, mas também a da sua filha inválida e da neta. A casa foi hipotecada por 15 mil rublos, quantia que o dândi tomou de empréstimo na totalidade com o compromisso de pagar no mais breve espaço de tempo.

A boa da velhinha acreditou nele – e como poderia ela não acreditar – quando o devedor pertencia a uma das melhores famílias, tinha diante de si uma brilhante carreira, recebia bons rendimentos de propriedades e uma boa remuneração pelo posto que detinha. As dificuldades financeiras, das quais a velhinha o havia ajudado a sair, seriam consequência de uma qualquer paixão fugaz ou de uma imprudência a jogar às cartas no clube dos nobres, pelo que lhe seria, evidentemente, muito fácil, corrigir a situação: “É só chegar a São Petersburgo”.

A velhinha conhecera em tempos a mãe deste senhor e, em nome da velha amizade, ajudou-o. Ele, por seu turno, partiu são e salvo para São Petersburgo e, depois, é escusado dizer, começou um jogo muito comum em tais casos: o jogo do gato e do rato. Ao chegar o prazo do pagamento, a velhinha fez-se lembrar, escrevendo cartas – de início, brandas, depois, mais ásperas e, por fim, já praguejava – insinuando que “é injusto”. Mas o seu devedor era animal experiente e, por isso, não respondeu a nenhuma das cartas da velhinha. Entretanto, o tempo vai passando, e aproxima-se o dia da caução e perante a pobre da mulher, que pensava passar o resto dos seus dias na sua casinha, abre-se, de repente, a perspectiva terrível de uma vida de fome e de frio com a filha aleijada e a pequena neta.

A velhinha, desesperada, deixou a filha doente e a criança à guarda da bondosa da vizinha, juntou tudo o que lhe restava e correu a São Petersburgo a "diligenciar"³.

³ NdT: Aspas do autor.

Capítulo 2

No início, as suas diligências tiveram sucesso: encontrou um advogado compassivo e de bom coração e, no tribunal, a decisão foi tomada de uma forma rápida e favorável, mas, quando a acção chegou à execução, aí é que surgiu o problema, e tão grande ele era que bem se podia considerar um verdadeiro quebra-cabeças. Não é que se tratasse do caso de a polícia ou de outros agentes do poder estarem a ser negligentes com o devedor. De facto, diz-se mesmo que até eles estavam, há muito, fartos dele e que todos tinham pena da velhinha e que desejavam ajudá-la, só que não ousavam... O seu parentesco e atributos eram de tal forma poderosos que não era possível impor-lhe sanções como a qualquer outro transgressor.

Sobre a força e importância de tais ligações nada sei de concreto e considero, aliás, não ser isso importante. Em todo o caso, a verdade é que o que qualquer velha maga sobre ele venha a dizer, para ele melhor vai ser.

Também não sei como vos narrar com precisão que acção era necessário desencadear contra ele. Só sei que era preciso “entregar ao devedor mediante recibo”⁴ um papel qualquer. Mas isso, nenhuma personalidade, nenhuma patente o podia fazer. A quem quer que a velhinha se dirigisse, todos lhe aconselhavam o mesmo:

- Minha cara senhora, a presa é sua! É melhor esquecer isso! Nós temos muita pena da senhora, mas que podemos nós fazer quando ele não paga a ninguém... Console-se com o facto de a senhora não ser nem a primeira, nem a última.

- Meus Deus! – respondeu a velhinha – como é que eu me vou consolar pelo facto de não ser eu a única nesta situação? Pois eu, meus pombinhos, desejaria bem melhor para mim e para os outros.

- Está bem – responderam eles – para que todos fiquem bem, a senhora deixe para lá isso. Isso foi fabricado por especialistas, daí não ter solução.

Mas ela, na sua simplicidade, insistia:

⁴ NdT: Aspas do autor.

- Mas por que não tem solução? A fortuna dele é, em todo o caso, maior do que aquilo que ele deve. Que devolva, pois, o que deve que ainda fica com muito.

- Ai, minha senhora, a quem tem “muito”⁵ pouco se lhe encontra e nunca lhe é suficiente. Mas o mais importante reside no facto de ele não estar habituado a pagar e se ele se melindra é bem capaz de lhe causar dissabores.

- Que dissabores?

- Mas para que pergunta? Ande devagar pela Avenida Nevskiy, caso contrário pode desaparecer de repente.

- Desculpem lá, – diz a velhinha – mas eu não acredito em vocês. Ele teve dificuldades, mas é boa pessoa.

- Sim, – respondem – claro que ele é um nobre senhor, mas paga tarde e mal e se alguém tenta fazer alguma coisa, ele pode responder mal.

- Mas, então, tomem medidas.

- Olhem-me esta? – respondem. Ponto final parágrafo: nós não podemos “tomar medidas”⁶ contra todos. Para quê lidar com gente dessa?

- E qual é a diferença?

Os interpelados ficam apenas a olhar para ela, como quem se quer ir embora ou para propor que ela se fosse queixar a instâncias superiores.

Capítulo 3

E ela dirigiu-se mais acima. O acesso era mais difícil e a conversa menor e, claro, mais abstracta.

Dizem: “Onde está ele? Sobre ele reportam-nos que não está!”

- Perdoai-me, - chora a velha senhora – mas eu vejo-o na rua todos os dias; ele vive em casa dele.

- Essa casa não é dele. Ele não tem casa. A casa é da mulher.

- Mas isso tanto faz: seja marido, seja mulher, o diabo é o mesmo.

⁵ NdT: Idem.

⁶ NdT: Idem.

- Isso julga a senhora, mas a lei julga de outro modo. A mulher também apresentou contas dele e queixou-se ao tribunal e ele não está registrado em casa dela... Sabe-se lá dele. Já toda a gente está farta. E para que lhe foi dar o dinheiro?! Quando ele se encontra em São Petersburgo, ele regista-se num quarto mobilado qualquer, mas não vive lá. E se pensa que nós o protegemos ou que temos pena dele, então a senhora está muito enganada: procure-o, apanhe-o - isso é um assunto seu – e, então aí, sim, “entregam-lho”⁷.

De nenhuma das altas instâncias consegui a velhinha obter qualquer resultado animador e, devido à sua desconfiança provinciana, começou a cogitar, se a causa de tudo não seria que “colher vazia, separa a companhia”⁸, como diziam os antigos.

- Não me digas? - murmura ela - não precisas de me convencer que eu bem vejo que tudo se move à força do mesmo. Há que dar unto.

E lá foi ela “untar”⁹ e voltou ainda mais triste. Diz ela, “comecei logo com um maço de mil”, quer dizer, ela prometeu mil rublos do dinheiro que lhe foi extorquido, mas ninguém a quis ouvir e quando ela foi aumentando o valor discretamente até prometer três mil, pediram-lhe mesmo que saísse.

Não aceitam três mil só para apresentar um papel! Afinal de contas, o que é isto? Não, antigamente era melhor.

Mas, também, – lembro-lhe eu - esqueceu-se, se calhar, como é que tudo corria melhor na altura. É que quem desse mais, esse é que tinha a razão do seu lado.

- Isso - responde – é absolutamente verdade para si, mas só entre antigos funcionários de estado é que havia peritos ousados. Acontecia perguntares: “Pode ser?” E ele responder: “Na Rússia não há impossíveis”, e, de repente, magia para lá uma história e faz. Ora apareceu-me agora um desses indivíduos que não me deixa em paz, mas não sei se hei de acreditar ou não? Nós os dois, almoçamos no padeiro da Galeria Mariinsky, pois eu agora tenho de

⁷ NdT: Aspas do autor.

⁸ NdT: Aspas do autor. Provérbio russo.

⁹ NdT: aspas do autor.

poupar e tremo a cada moeda que gasto. Comida quente há muito tempo que não como, poupo tudo para o processo. E ele, provavelmente, também o faz por pobreza ou por ser bebedor... Mas vai dizendo persuasivamente: “dê-me quinhentos rublos que eu faço a entrega”. O que pensas tu disto?

- Ó minha querida senhora – respondo-lhe eu – asseguro-lhe, que sou sensível às suas mágoas, só que eu nem sequer dos meus assuntos sei tratar, pelo que, decididamente, nada lhe posso aconselhar. A senhora deveria, pelo menos, perguntar a mais alguém sobre ele: quem é ele e quem pode ser seu garante?

- Eu já perguntei ao padeiro, só que ele nada sabe. “Ora bem, diz ela, é preciso pensar: ou ele é um comerciante, cujo comércio baixou, ou alguém que foi despromovido de quaisquer dos seus títulos.”

- Então? Pergunte directamente ao próprio.

- Perguntei, quem era ele e qual o seu posto. “Falar disso, diz ele, na nossa sociedade, é totalmente supérfluo e inadmissível: chame-me Ivan Ivanitch¹⁰, e o meu cargo não é alto, corresponde a um casaco da pele de catorze ovelhas¹¹, que, quando quero, viro do avesso.

- Ora aí está. Bem pode ver que resulta daí uma personalidade completamente obscura.

- Sim, é obscura... “Um cargo de catorze ovelhas”, isso percebo porque também fui casada com um funcionário. Isso significa que ele é de décima quarta categoria. E quanto ao nome e recomendações, declara sem rodeios que: “no tocante a recomendações, diz ele, ignoro-as e não as tenho. Tenho, isso sim, ideias geniais na minha cabeça e conheço pessoas dignas, que estão prontas a pôr em execução qualquer plano meu por trezentos rublos.

- Mas, meu caro senhor, por que razão exactamente trezentos?

- Por nada, nós temos já um preço fixo, que não desejamos baixar, nem elevar.

¹⁰ NdT: Funciona como pseudónimo de alguém que, dada a sua actividade pouco legal, não se quer dar a conhecer. O correcto seria Ivanovitch.

¹¹ NdT: Na Rússia Imperial, a tabela relativa ao grau dos funcionários, introduzida, em 1722 por Pedro, o Grande, abrangia catorze categorias de funcionários. Leskov, recorrendo à metonímia refere o casaco de peles a que tinha direito um funcionário da 14ª categoria.

- Meu senhor, não percebo nada.

- E nem precisa de perceber. Os de agora, como vê, levam muitos milhares, mas nós ficamo-nos pelas centenas. Eu levo duzentos pela ideia e pela direcção e trezentos para o herói executor, uma forma proporcional, já que, pela execução, ele pode ter de passar três meses na cadeia, além de que dá um desfecho ao processo. Quem quiser que acredite em nós. Eu cá só deito mãos a processos impossíveis e com quem não tem fé, nada há a fazer.” Mas no que toca a mim – acrescenta a velhinha – imagine a minha tentação. É que eu, não sei porquê, acredito nele...

- Decididamente - digo – não sei por que acredita nele?

- Imagina que tenho um pressentimento, sei lá, qualquer coisa assim. E tenho sonhos. E tudo isso como que me persuade e acalenta a ter confiança.

- Não é melhor esperar mais um pouco?

- Espero, enquanto for possível..

Mas depressa se tornou impossível.

Capítulo 4

Aparece em minha casa a velhinha num estado da mais comovente e profunda aflição. Em primeiro lugar, estava a chegar o Natal, em segundo lugar, os seus escrevem-lhe que a casa entraria à venda por aqueles dias e, em terceiro lugar, ela encontrou o seu devedor de braço dado com uma dama e deitou a correr atrás deles e até o agarrou pela manga e apelou à ajuda das pessoas, gritando com lágrimas nos olhos: “Meu Deus, ele deve-me dinheiro!”

Mas isso só levou a que a afastassem do seu devedor e da sua dama, sendo chamada à responsabilidade por violação da ordem pública. Mas pior do que estas três circunstâncias é que havia uma quarta, que residia no facto de o devedor da velhinha ter conseguido para si umas férias fora do país, partindo, o mais tardar amanhã, com a esplêndida dama do seu coração, para o estrangeiro, onde ficará um ou dois anos, podendo mesmo acontecer não voltar mais, “porque ela é muita rica”.

Não podia existir a menor dúvida de que tudo se passara exactamente assim como contava a velhinha. Ela aprendeu a seguir, de olhos bem abertos, cada passo do seu devedor fugidio e sabia todos os seus segredos através dos criados, que subornava.

Amanhã, portanto, esta longa e dolorosa comédia chegará ao fim. Amanhã, sem dúvida que ele desaparecerá como o fumo e por muito tempo, e pode mesmo ser que para sempre, pois a sua acompanhante, com certeza, não desejaria dar nas vistas a cada instante.

A velhinha já tinha colocado tudo isto, em todo o detalhe, à consideração do negociista, com um cargo de catorze ovelhas. E também ele dizia, enquanto sentados em redor dos tabuleiros no padeiro da Galeria Mariinsky:

“Sim, é um caso premente, mas ainda é possível ajudar: ponha quinhentos rublos em cima da mesa e já amanhã a sua alma se sentirá aliviada. Mas, se não tiver fé em mim, lá se vão os seus quinze mil.

- Eu, meu amigo – conta-me a velhinha - já decidi confiar nele... Que hei de eu fazer? Ninguém se encarrega do caso, mas ele não, ele empenha-se e diz com firmeza: “Eu entrego.” Por favor, não olhes para mim, assim, com esse olhar perscrutador. Eu não sou de modo nenhum louca. Eu própria não entendo nada. Só que, dentro de mim, tenho uma estranha confiança nele, ditada pelo pressentimento. E também sonhei tais sonhos que me fizeram tomar a decisão de o levar comigo.

- Para onde?

- É que nós só nos encontramos no padeiro à hora do almoço. E, nesse caso, já será tarde. Assim, eu levo-o agora comigo e não o largo até amanhã. É evidente que, na minha idade, já ninguém vai pensar mal e eu tenho de tomar conta dele, pois eu tenho de lhe entregar agora mesmo os quinhentos rublos e sem qualquer recibo.

- E está mesmo determinada a fazer isso?

- Claro que estou. Que mais posso eu fazer? Eu já lhe dei um adiantamento de cem rublos e ele está agora à minha espera na taberna. Está a tomar chá. E eu vim ter contigo para te pedir um favor. Eu ainda tenho duzentos

e cinquenta rublos, só não tenho os restantes cento e cinquenta. Ajuda-me, empresta-me o dinheiro que depois eu devolvo. Mesmo que vendam a casa, uns cento e cinquenta rublos ainda irão sobrar daí.

Eu conhecia-a como uma mulher da maior honestidade e o tormento dela era tão comovente que pensei: devolve, não devolve, que Deus esteja com ela. Com cento e cinquenta rublos, ninguém fica rico nem pobre, enquanto que ela ficará sem tormentos na alma por não ter tentado todos os meios para “entregar”¹² o papel que poderia salvar a situação.

E lá pegou ela no dinheiro, rumando à taberna, para ir ter com o seu temerário negociista e foi, com curiosidade, que esperei por ela na manhã seguinte para me inteirar que mais novo estratagema teriam agora arquitetado para enriquecer em São Petersburgo.

Só que aquilo que fiquei a saber ultrapassou as minhas expectativas: o génio da galeria não envergonhou nem a fé, nem os pressentimentos da boa velhinha.

Capítulo 5

No terceiro dia da Festa de Natal, ela entra a voar em minha casa, envergando um vestido para o caminho e trazendo na mão um saco de viagem e a primeira coisa que faz é pôr-me em cima da mesa os cento e cinquenta rublos que tomara de empréstimo e, em seguida, mostra um papel relativo à transferência bancária de mais de quinze mil rublos...

- Não acredito no que vejo! Que significa isto?

- Nada, a não ser que eu recebi todo o meu dinheiro e com juros.

- Como? Não me diga que foi esse funcionariuzinho do Ivan Ivanich que organizou tudo?

- Sim, foi ele, embora houvesse um outro, a quem ele deu trezentos rublos do seu dinheiro, pois era impossível passarmos sem a ajuda dessa pessoa.

¹² NdT: Aspas do autor.

- E que outro agente era esse? Vá, conte-me lá detalhadamente como é que eles a ajudaram!

- Ajudaram-me de forma muito honesta. Quando cheguei à taberna e dei o dinheiro a Ivan Ivanich, ele contou, aceitou e disse: “Agora, minha senhora, vamos lá embora. Eu, diz ele, sou, em minha opinião, um génio, mas preciso de alguém que execute o meu plano, pois eu próprio não passo de um misterioso incógnito, pelo que não posso usar a minha pessoa para realizar actos jurídicos”. Andámos por muitos lugares insalubres e por banhos públicos, sempre à procura de um tal “lutador sérvio”¹³, mas durante muito tempo não conseguimos encontrá-lo. Mas, por fim, lá o encontramos. Vinha esse lutador a sair de um buraco qualquer, em traje militar sérvio, todo esfarrapado e com um charuto de jornal entre os dentes e diz: “Eu posso fazer tudo, a quem preciso for, mas primeiro há que beber”. Estávamos os três sentados na taberna a negociar e o lutador sérvio exigiu: “quero cem rublos por mês durante três meses”. Nisto e acordámos. Eu ainda não estava a perceber nada, mas vi que Ivan Ivanich lhe deu o dinheiro, o que significava que ele confiava e que eu fiquei mais aliviada. E depois, eu levei o Ivan Ivanich comigo para que ficasse em minha casa e ao lutador sérvio deixámo-lo a dormir nos banhos públicos, para que aparecesse de manhã. Ele apareceu de manhã e diz: “Estou pronto!” E Ivan Ivanich murmurou-me: “mande alguém buscar vodka para ele, pois a coragem dele vai ser precisa.. Eu não lhe darei muito a beber, mas um pouco é indispensável para a bravura: está prestes a ter lugar o seu desempenho mais importante.”

O lutador sérvio bebeu e eles foram para a estação de caminho-de-ferro, da qual deveriam partir, de comboio, o devedor da velhinha e a sua dama. A velhinha ainda não percebia nada do que eles tinham planeado nem de como o iriam executar, mas o lutador acalmou-a, dizendo: “tudo vai correr honesta e honradamente.” O público começou a chegar ao comboio e ali apareceu o devedor de repente, com a sua dama. O lacaio vai buscar os bilhetes para eles e ele está sentado com a sua dama a tomar chá e a observar toda a gente que passa

¹³ NdT: Aspas do autor.

com inquietação. A velhinha, que se escondera atrás de Ivan Ivanich, aponta para o devedor e diz: “É aquele!”

O lutador sérvio viu, disse “está bem” e logo se levantou e passou ao lado do dândi uma vez, depois segunda vez, e depois, à terceira vez, parou mesmo em frente dele e disse:

- Por que é que está a olhar para mim desse modo?

O devedor responde:

- Eu não estou de modo nenhum a olhar para si. Eu estou a tomar o meu chá.

- Ah, ah! E o lutador diz: não está a olhar, está a tomar chá? É isso? Então eu vou obrigá-lo a olhar para mim. Tome aqui, de mim, para o seu chá, este sumo de limão, açúcar e um pedaço de chocolate!... Zás, zás, zás! E bate-lhe três vezes na cara.

A dama lançou-se para um lado, o devedor também queria fugir, dizendo não estar agora para reclamações, mas a polícia apareceu logo, intrometendo-se: “Isto, num lugar público, é proibido”, e prenderam o lutador sérvio, bem como o esbofeteado, que, numa agitação tremenda, não sabia se havia de correr atrás da sua dama, se responder à polícia. E, entretanto, já o registo da ocorrência está pronto e o comboio parte... A dama partira e ele ficara... e mal anunciou o seu título, nome e sobrenome, o polícia diz: “A propósito, para o senhor, eu tenho aqui na pasta um papel para entrega.” Nada lhe restava fazer, a não ser pegar no papel que lhe estavam a entregar perante testemunhas e, para se livrar da obrigação de não deixar a cidade, logo ali pagou com um cheque a totalidade da dívida e com juros.

E foi desta forma que foram vencidas as dificuldades inexpugnáveis, que a verdade triunfou e que, na honesta, mas pobre casa, voltou a reinar o sossego e a Festa tornou-se também mais feliz e alegre.

A pessoa que encontrou a forma de resolver este caso difícil parece, pois, ter todo o direito de se considerar, de facto, um génio.